



N.º 109 — Lisboa, de 3 março

5.º ANNO 1915

PARODIA

FUNDADOR
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se ás sextas-feiras
Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA
PREÇO AVULSO 40 RÉIS
Um mez depois de publicado 90 réis

Redacção e administração — **Rua dos Mouros, 37, 1.º**
Assignaturas (pagamento adiantado)
Lisboa e provincias, anno 52 num. 25000 rs. | Brasil, anno 52 numeros..... 50000 rs.
Semestre, 26 numeros..... 12000 » | Africa e India Portuguesa, anno. 25000 »
Cobrança pelo correio..... 5100 » | Estrangeiro, anno 52 numeros... 35000 »
NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de janeiro ou no 1.º de julho

EDITOR — **CANDIDO CHAVES**
COMPOSIÇÃO
Annuario Commercial
5, Calçada da Gloria, 5
IMPRESSÃO
Lithographia Artistica
Rua do Almada, 32 e 34

Ordem do dia

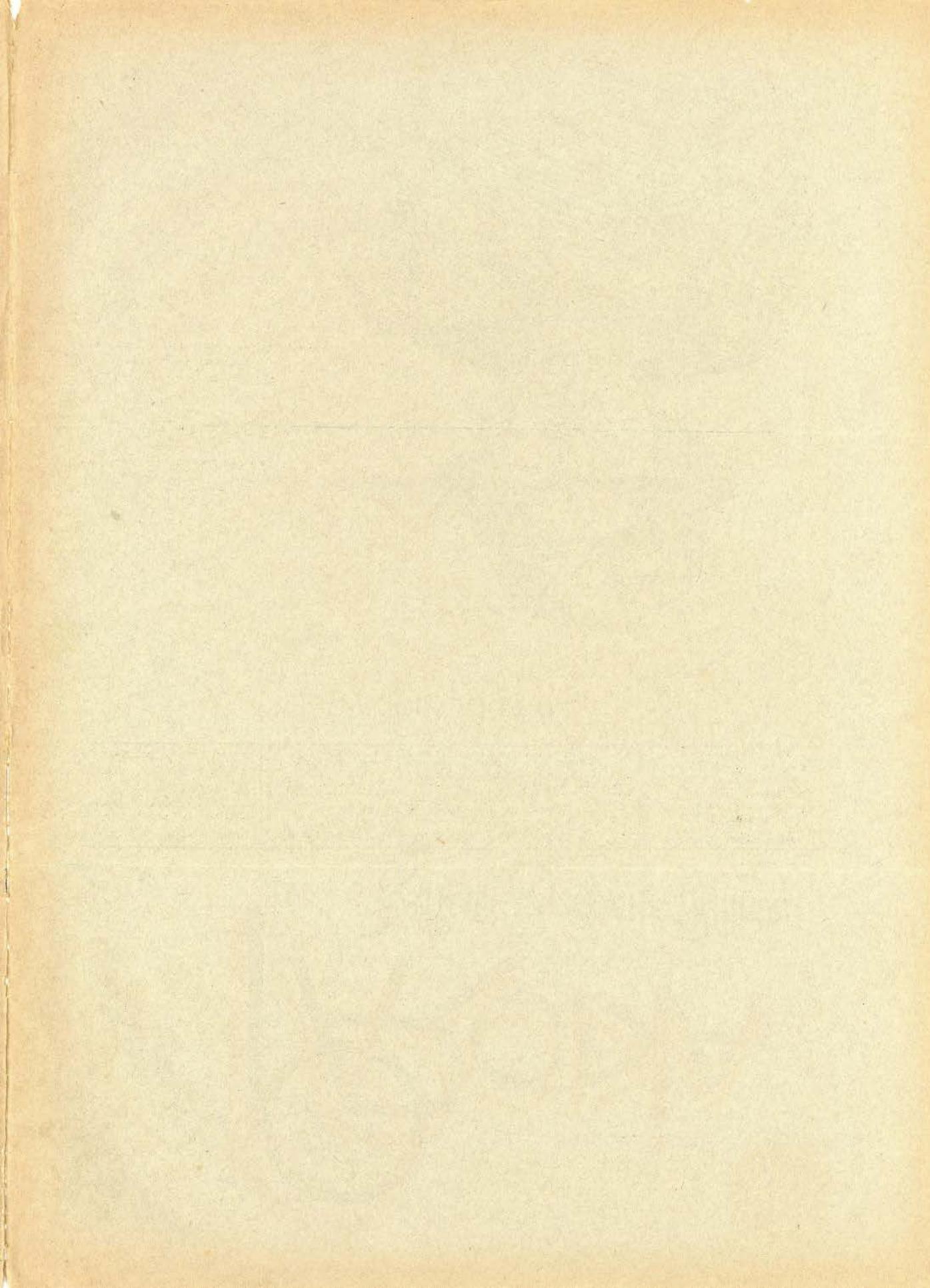
Gorki

*Gorki! porque nasceste entre mujiks
Arrastas uma cruz...
E é forçoso que ao bem da Patria sacrificues
Até que a Liberdade encha a Russia de luz!*

*E' duro que ao raiar d'este seculo XX
Haja ainda um escravo!
Mas temos cá peor:—que é ser contribuinte
Ou, então, porco bravo!*

THUG.







N.º 109 - LISBOA, 3 DE MARÇO

5.º ANO 1915

PARODIA

FUNDADOR
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se ás sextas-feiras

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA

PREÇO AVULSO 40 RÉIS

Um mez depois de publicado: 80 réis

Redacção e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 25000 rs. | Brazil, anno 52 numeros..... 35000 rs.
Semestre, 20 numeros..... 15000 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 25000 rs.
Cobrança pelo correio..... 5100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros... 35600 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porem de comecar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julio

EDITOR — CÂNDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO

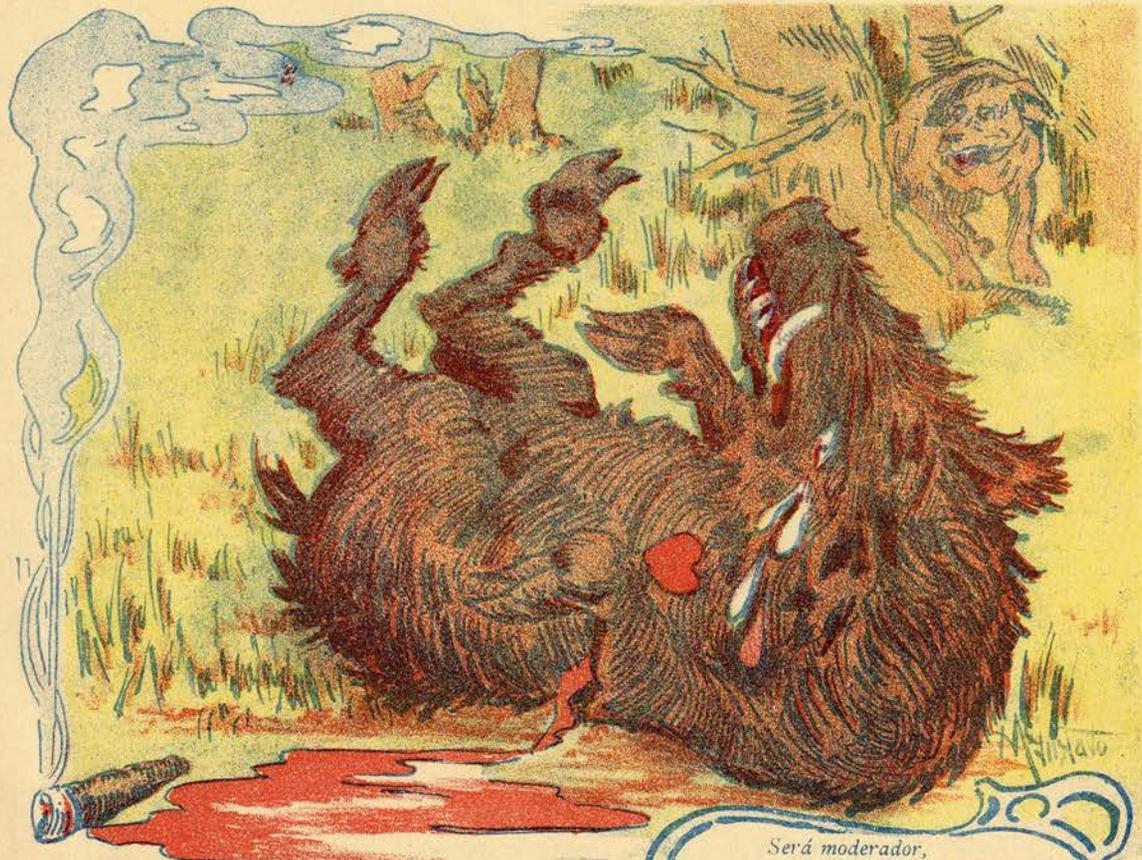
Minerva Peninsular

82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO

Lithographia Artistica

Rua do Almada, 52 e 53



O ULTIMO ACTO DO PODER MODERADOR

Será moderador,
Mas tem-n'os demonstrado
Que, como caçador,
É muito immoderado.

As senhoras ministras

O caso em discussão n'alguns jornaes, da intervenção da mulher nos negocios do homem seria a derrota do feminismo, se o feminismo não tivesse já garantido o seu triumpho.

A doutrina, que parece exhalar-se do debate em questão é a de que não é licito á mulher intervir nos negocios do homem, sob pena de antipatica invasão de attribuições.

Ora, o que sustentam as mais viciosas idéas modernas?

Justamente o contrario.

Segundo essas idéas, a mulher só é antipatica pelo facto de ser um pesado fardo domestico, sem nenhuma utilidade social. O que o homem do nosso tempo inerepa á mulher não é que ella intervenha nos seus negocios, mas justamente que não intervenha.



A concepção da mulher caseira passou. A casa arrumam-n'a os creados, o jantar fal-o a cosinheira, dos mesmos filhos tratam as amas. As mulheres encostavam se á principio ao subterfugio da maternidade, para permanecerem nos regalos da doce ociosidade domestica, mas logo os homens, desejosos da sua cooperação em obra mais fecunda do que a da maternidade, a desalçoaram da sua posição, concedendo-lhes como mães apenas o repouso preciso para se podem a pé. Apenas as vê fóra da cama, os homens d'hoje reclamam-n'as immediatamente para o escriptorio, para o armazem, para a loja, para o *comptoir*, para a banca.

A questão pendente na imprensa portugueza significa pelo menos n'este caso, um consideravel atrazo na marcha das idéas que de ha muito pzeram as mulheres á frente da civilização, não como donas de casa, mas como inspiradores, mentores, collaboradores, commanditarios, socios.



Nós não sabemos o que se passa em casa dos outros, como se sabe o que se passa em casa do actual presidente do conselho de ministros; mas queremos crer que, no domicilio de todos os homens politicos, legitimamente consorciados, os factos são na sua essencia os mesmos. E' bem certo que Madame Felix Faure não tenha collaborado na alliança franco-russa? E' bem certo que Madame Loubet não tenha mettido a sua colher na obra de aproximação



da França com a Italia? E Madame Hanotaux? E Madame Delcassé? E' bem certo que estas senhoras illustres não tenham cooperado com seus

maridos nos avultados successos politicos a que elles ligaram os seus nomes? Não queremos crer, porque o contrario seria attribuir-lhes funcções bem insignificantes. Mas nós vamos mais longe: nós asseveramos que ellas foram collocadas ao lado dos homens que lhes dão o nome de esposas, para lhes servirem de uteis collaboradoras. Apontem n'os um homem publico celibatario? São raros. A funcção de governar é incompativel com o celibato, que não é decente e é perigoso: que não é decente porque a idéa de celibato implica a idéa de libertinagem, que é perigoso porque o celibato á o homem entregue a si mesmo e o homem publico entregue a si mesmo é uma imprudencia social. A França, prudente depois das suas numerosas revoluções, quando nomeia nove ministros, nomeia logo nove ministras. Quando o ministro francez não tem mulher, pede-a emprestada ao seu visinho. Um presidente da Republica celibatario seria um escandalo clamoroso. A França trataria immediatamente de o casar.

A nossa surpresa perante os factos que são do dominio publico provem não só do nosso atrazo em relação ás idéas correntes no mundo inteiro, como de uma falsa apreciação dos successos nefandamente attribuidos ao lar ministerial da rua dos Navegantes e que são afinal os que se passam em todos os lares ministeriaes, com menos publicidade é certo, mas não com menos verosimilhança.

Imaginar que a legitima consorte de um homem elevado aos fastigios do poder é tão indifferente á sua obra como a sua creada de quarto é, não diremos desconhecer o que se passa em casa dos outros, mas o que se passa no coração humano. Desde que o marido é ministro, a mulher fica, *ipso facto*, ministra. Os seus facciosismos são os de seu marido; as suas paixões as d'elle. Os interesses de um são os interesses do outro. A mulher ainda pode ser indifferente ao facto do marido *subir*, mas não é nunca indifferente ao facto do marido *cahir*. Imagina-se que é o ministro que está agarrado ás cadeiras do poder: é o marido e é a mulher, muito legitimamente, porque um e outro o disfructam. Não é certamente em conselho de ministros que esta mutua cooperação se dá, mas é em logar muito mais harmonizador e onde melhor se vinculam todos os interesses: é no leito. E' antes de apagar a vella, n'aquella hora de repouso e intimidade em que o homem passa em revista o seu dia e se prepara para as luctas do dia seguinte, que se concertam muitas das mais consideraveis acções humanas. Quem vem pára fóra mais tarde, com a sua coraça e a sua espada, é o homem.

A mulher fica talvez em casa abanando o lume; mas quantas vezes a alma do homem não é — a mulher? e quantas vezes essa mão pequena e branca agitando um abanador, não vai ao mesmo tempo ateando com elle flamejantes incendios?



O publico preoccupa se muito com o que se passa em certa casa da rua dos Navegantes. Em todas as casas onde ha um homem e uma mulher



se passa o mesmo. O homem exerce uma soberania nominal. A sua unica soberania authentica são as suas calças. Em tudo a divide com a mulher, quando não lh'a entrega completamente. E como não seria assim? D'outra fórma, a mulher junto do marido, não significaria mais do que um animal domestico, um gato bonito que se affaga e ao qual se dá um bom prato de espinhas. O que succede com o caso presente é que esta normal divisão de poderes se faz não nos seus habituaes recintos inviolados, mas até certo ponto na zona publica do executivo, o que surprehende a opinião que espera ver sete ministros e vê oito.



Quanto ao mais, tudo se passa regularissimamente, no stricto limite do regimen matrimonial.

JOÃO RIMANSO.

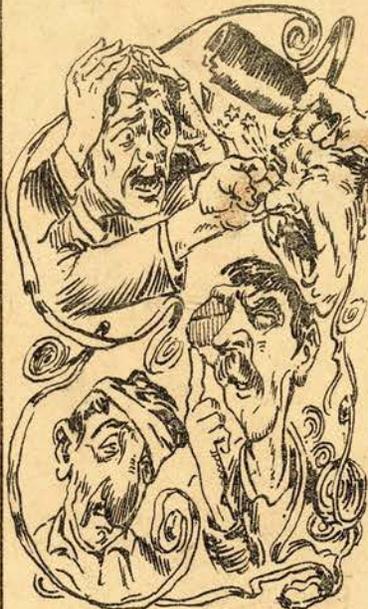
Carnaval Civilizado, ou Empreza dos Costumes a domicilio

Nós não somos optimistas. Por isso nos repugna applaudir. Mas o Carnaval civilizado — não ha remedio se não applaudir-o.

Nós somos archaicos e o nosso velho Entrudo era um archaismo. No meio da vida e dos costumes contemporaneos, tinhamos todos os annos, durante tres dias, o seculo XVIII, os seus rufões, as suas comborças, os seus gallegos, os seus pretos, os seus gaiatos e com esta velha comparsaria, os velhos costumes á solta.



Periodicamente, regressava se a um passado tenebroso. Lisboa era a sordida cidade marroquina de que falava Beckford. A população contemporanea exilava-se. Ficava uma Lisboa de D. Maria I, a que só se aventuravam alguns intrepidos observadores de costumes e a policia — em pé de guerra.



A iniciativa de reduzir o Entrudo a uma forma mais de harmonia com o aspecto geral da civilisação foi de todo o ponto louvavel e não seremos nós quem lhe regateará elogios.

O que resta agora é completar esta obra. Está reformado o Entrudo: reforme-se o resto.

Parece deprehender-se dos acontecimentos que tudo está dependente da iniciativa de alguns homens apprehendedores. Se assim é, que elles tomem á sua conta não já os costumes do carnaval, mas todos os que carecem de reforma.

O Carnaval já está organizado em assembléa geral, com uma meza, uma direcção, corpos gerentes, conselho fiscal, um thesoureiro, um continuo. Lendo os jornaes temos até certo ponto a impressão de que se trata de fazer não o Entrudo, mas uma companhia de minas e de que o Entrudo vai ser emitido em acções. Já mesmo a palavra subscriptores corre a imprensa, e sendo assim não vemos motivo para que não se faça o mesmo ao resto, dando-se a todos os costumes uma organisação semelhante.

Imagine-se os costumes politicos reformados pelo processo de iniciativa particular por que estão sendo reformados os costumes carnavalescos. Seria optimo, para nos servirmos do *ritornello* em voga.

O Chiado decidia se por exemplo a reformar o partido progressista; a Avenida o partido regenerador. As duas associações de imprensa davam a sua adhesão a esta obra. Os empresarios dos theatros prometiam o seu concurso. Promoviam subscripções: Contribuiam os Clubs, os hoteis, o *Paris em Lisboa*, o Ramiro Leão. Finalmente invocava-se o patronato do chefe do Estado, pedia-se ao senhor infante D. Affonso para assistir no seu *break* e d'esta forma, um bello dia, viamos por exemplo, o sr. José Luciano transfigurado, desembarcar no Caes do Sodre, do meio de uma luzida côrte de progressistas e seguir n'um carro de luxo, rua do Ouro acima, n'uma nuvem de *confetti*, acompanhado pelo batalhão dos voluntarios da Ajuda.

Exprimente-se e, se der resultado, passemos ao resto. Reformemos os costumes politicos, reformemos tudo — pelo processo feucundo, benefico e barato da iniciativa particular. E chama-se a isto — *Empreza dos costumes a domicilio*.

A PARODIA

Podemos estar contentes com o exito que alcançou este jornal ao reaparecer. Os nossos collegas de imprensa tiveram a benevolencia de o saudar com palavras muito animadoras e, por sua vez, o publico fez-nos o mais festivo acolhimento. A PARODIA foi optimamente recebida, ao que está muito grata.



M. S. Borzari

TRAVESTI CARNAVALESCO

O CAMBIO

Ha calamidades effectivas e calamidades honorarias.

Exemplo de uma calamidade effectiva: a tuberculose.

Exemplo de uma calamidade honoraria: o cambio.

A calamidade effectiva é aquella que grassa com punctualidade e methodo, que se installa no paiz e o colloca sob o seu patronato, que se naturalisa e adquire direitos.

A calamidade honoraria é a que se foi embora, mas ficou no estado de superstição.

Tal o cambio.

O cambio foi uma grande calamidade publica.

Saqueou, arruinou, empobreceu.

Portugal era, sob todos os pontos de vista, um paiz benigno. O ceu era suave, a vida era suave. Respirava-se bem e barato. Comia-se, vestia-se, calçava-se, amava-se, bem e em conta.

Veio o cambio e tudo se tornou hostil. Antes do cambio, era só estender o braço para colher todos os fructos da felicidade. Depois do cambio, não houve braços bastante compridos para simplesmente colher n'um laranjal—uma laranja.

Uma vida cara n'um reino pobre, que maior calamidade?

D'essa calamidade longamente fomos victimas.

Mas um dia o cambio começou a dar mostras de benignidade, começando a descer, porque é preciso dizer que o cambio entrou em Portugal, como os diabos das magias, por baixo do solo e por um alçapão—subindo.



Pelo alçapão por onde subiu, desceu, a principio devagar, depois mais depressa, até que um dia d'estes não havia d'elle em todo o edificio da Bolsa, por onde ascendera, mais vestigios do que um buraco vazio e um pouco de cheiro a enxofre.

Pois bem! Tendo desaparecido, o cambio ficou.

Foi uma calamidade publica: hoje é um preconceito social.

A vida, tornada ruïnosa pelo cambio, ruïnosa ficou.

O cambio entrou nos costumes, como o maxixe.

UMA FÉRA



Publicamos n'este logar a caricatura, segundo o ultimo retrato do imperador da Russia, a titulo documental, e dizemos documental porque não ha documento mais curioso no presente momento do que essa imagem de um pae suave que é ao mesmo tempo um duro tyranno.

O retrato é surpreendente de absurda, antipathica contradicção.

Quem está presente é um homem excellente. Quem está dentro do homem é uma fera do mais sanguinario aspecto.

O homem exterior é todo elle sympathia, bondade, ternura. A fera interior é toda ella fereza. O homem mostra uma creança. A fera mostra os dentes.

O homem diz — Meu filho!

A fera diz — Fogo!



Um conflicto na Escola Medica

A semana passada elevou se um conflicto no seio de Minerva.

Foi o caso que tendo o dr. Curry Cabral, enfermeiro mór dos hospitaes, decidido excluir do serviço-hospitalar os estudantes de medicina, estes declararam-se em gréve, da qual seguidamente resultou a sua expulsão em massa dos cursos dos 1.º, 2.º, 3.º e 4.º annos.

Como se sabe, o serviço hospitalar, ou seja a pratica nos hospitaes, é, em toda a parte do mundo, considerado indispensavel ao estudo da medicina. Surprehendeu portanto a toda gente a medida do dr. Curry Cabral, e toda a gente perguntou em que novo criterio se fundava o illustre enfermeiro-mór para privar os estudantes de medicina de um campo de estudo reputado indispensavel ao seu saber, verificando-se então que o que verdadeiramente preocupava sua ex.ª não era que os estudantes prestassem um culto assiduo a Minerva, na pessoa dos enfermos, mas a Venus, na pessoa das enfermeiras.

N'este ponto de vista o dr. Curry Cabral appareceu á opinião interessada no conflicto não como enfermeiro-mór dos hospitaes, mas como enfermeiro-mór da Moral, que, segundo parece, está entregue aos cuidados clinicos de sua ex.ª.

Tal a origem do conflicto.

Agora, os seus resultados:

A escola medica de Lisboa ficou deserta de alumnos. Um unico curso funciona — o do 5.º anno — Nos outros estão vagos nas respectivas bancadas os logares de uns duzentos estudantes.

Comprehendendo quanto esta situação é nociva ao prestigio de tão prestante estabelecimento de ensino, o conselho da Escola decidiu preencher as vagas deixadas pelos estudantes expulsos, fazendo inserir nos jornaes annuncios do theor seguinte:

Estudantes de medicina

PRECISAM-SE para os 1.º, 2.º, 3.º e 4.º annos da Escola Medica, para fazer o trivial. Tratar na secretaria da mesma Escola, das 2 ás 3 da tarde.



Alumno distincto
PRECISA-SE um na aula de clinica, para acompanhar duas senhoras.

Materia Medica



Aceitam-se propostas para todo o serviço de materia medica, voltas e reviravoltas. Convindo é para ficar logo.

Aula de anatomia

PRECISAM-SE cincoenta alumnos de ambos os sexos, com bom systema nervoso e referencias, para serviço de aula de pouca familia.

E. M. C.

AULA DE PHYSIOLOGIA

ALUMNOS com pratica da Vida — desejam-se. Approvações, o que se combigiar.

HYGIENE

PRECISAM-SE alumnos com pratica de mercearia. Na succursal de Santa Apolonia acceptam-se commensaes.

MEDICINA OPERATORIA

(4.º anno)

Professor não idoso, de fino trato, tendo um compromisso a satisfazer com urgencia e não tendo a quem recorrer, pede auxilio a estudante respeitavel, para fim honesto. Resposta á administração do Hospital de S. José, iniciaes C. C.

QUINQUILHERIA GERAL

PRECISAM-SE alumnos chegados da provincia, para aula de homem só.

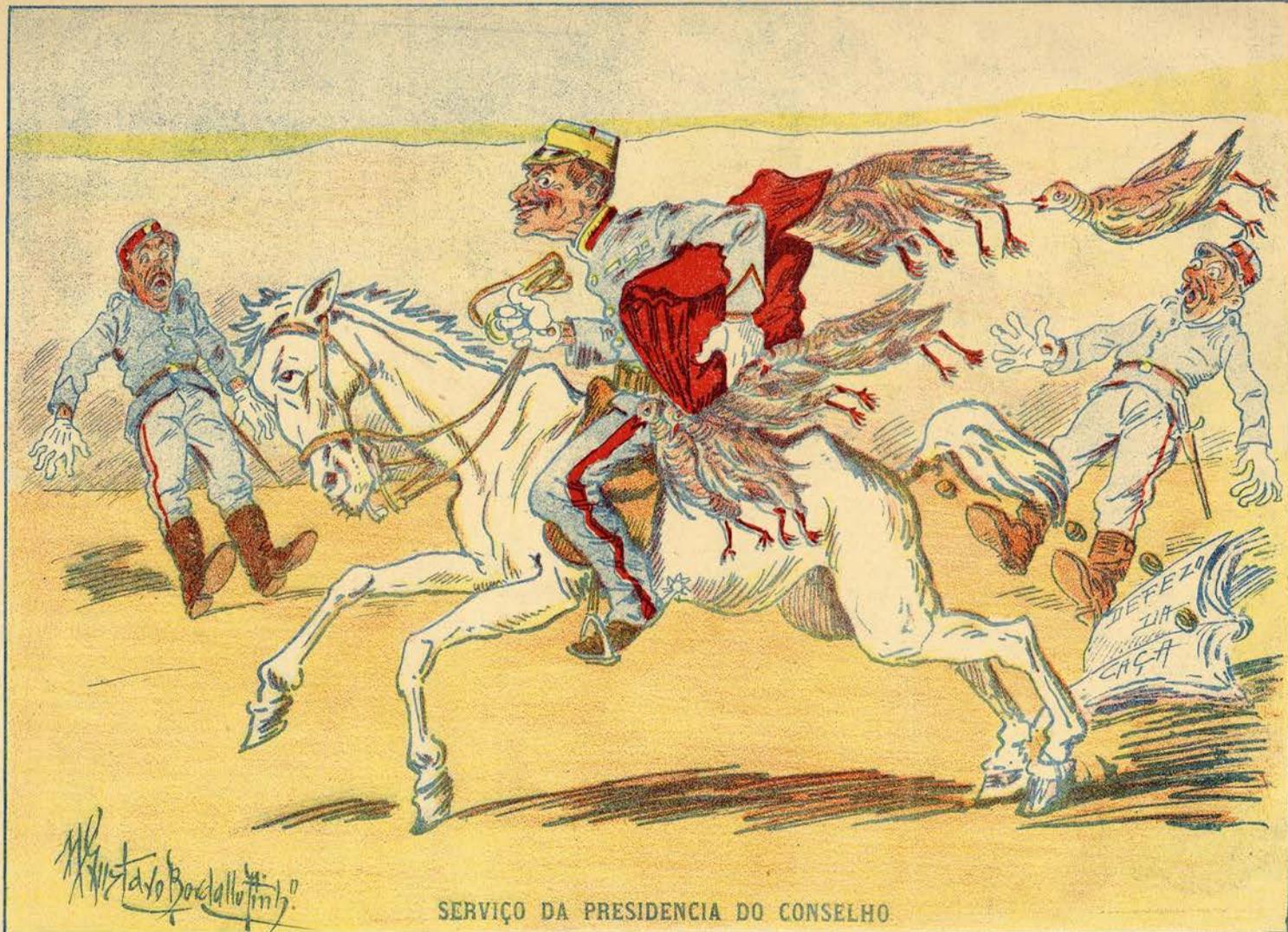


CABULAS
ALUGAM-SE para a aula de pathologia interna. Exige se fiador.

Bello de Moraes recebe na sua aula alumnos para serem tratados como familia. Na mesma ha um gabinete de physiologia decentemente mobilado e com porta para a escada.



CORREIO DE MINISTROS



SERVIÇO DA PRESIDENCIA DO CONSELHO

